View metadata, citation and similar papers at core.ac.uk
brought to you by CORE
prov

+ THE PICTURE COLLECTION

Célia Ferreira

On Translation es una serie
de obras que exploran
cuestiones de transcripción,
interpretación y traducción

Del lenguage a los códigos
Del silencio a la tecnologia
De la subjectividad
a la objectividad
Del acuerdo a las guerras
De lo privado a lo público
De la semiología
a la criptografia

El papel de la traducción/
los traductores como hecho
visible/invisible

(Muntadas, 1995)

[1] Antoni Muntadas nasceu em 1942 em Barcelona. Reside em Nova Iorque desde 1972. A partir dos anos 70, começa a trabalhar com diferentes suportes electrónicos de imagem.

Partimos de um olhar não sistemático sobre algumas obras de Antoni Muntadas[1] para discutir questões que relacionam as práticas artísticas contemporâneas com o uso do "material--imagem" proveniente dos *mass media*, das colecções e arquivos. Esta Aula Aberta é dedicada ao estudo de uma intervenção do artista, intitulada "The Picture Collection".

Tradução e translação – *translation* – são dois termos distintos em português (no inglês equivalem-se). A questão da deslocação, da translação, da tradução, é a de fazer pensar a relação entre A e A'. O que ocorre nessa trajectória? A que operações submetemos

A para produzir A'? Nas obras de Muntadas o que interessa são sempre as operações, por isso os elementos de partida são despoletadores, motivadores, para tornar conscientes os seus espectadores/ouvintes/leitores do que acontece na passagem de uma língua para outra, ou no interior das produções discursivas ou visuais. Quer em séries anteriores, quer na série 'On Translation', encontramo-nos no interior de um processo.

Por esse motivo, podemos dizer que aquilo que Muntadas produz artisticamente não visa o esclarecimento, a produção de um significado ou a representação de algo; ele procura antes conhecer a infiltração e o trabalho dos códigos. Um exemplo deste tipo de trabalho poderia ser "Political Advertisement VII" (1952–2008), realizado em conjunto com Marshall Reese, sobre as campanhas eleitorais para a presidência dos EUA. Em 'Political Advertisement VII', anúncios televisivos de diferentes campanhas produzidas entre 1952 e a actualidade são montados em sequência sem mais explicações. As imagens vão variando de estilo, cor, ritmo, e o efeito é o de uma acumulação que revela a colagem dos discursos políticos aos códigos estéticos de diferentes épocas. Não se procura transmitir uma mensagem anti-política ou anti-propagandística. Ao evidenciar as técnicas de produção do discurso para os eleitores, clarifica-se a importância dessas técnicas de propaganda, desses códigos na escrita e na leitura da mensagem. Nesse sentido, poderíamos dizer estar perante uma operação de metalinguagem.

Arlindo Machado[2] refere duas funções da linguagem em Muntadas: a poética (da reciclagem) e a metalinguística. A metalinguagem é um segundo nível de significação da linguagem que procura uma articulação mais óbvia do significado. A operação de metalinguagem torna "claro" o código, de modo a facilitar a apreensão do significado. Em Muntadas, a finalidade da operação de metalinguagem não é a clarificação

[2] MACHADO, A. (2002) "Muntadas entre el arte y los media." *Muntadas Con/textos.* R. Alonso. Buenes Aires: Ediciones Simurg: 111-116.

do significado da mensagem, mas a evidência dos modos de produção/codificação dos *media*, dos "efeitos de verdade", dos clichés que, enquanto espectadores, aceitamos como bons. A "metalinguagem" em Muntadas é facilitadora da apreensão do significado, mas essa apreensão revela-se secundária, o significado é o efeito de imposição de um código prévio que é unívoco. O que se revela é que o código sufocou outros potenciais sentidos que talvez fossem mais pertinentes para a nossa vida. Não há uma mensagem nova, ou a redescoberta de uma mensagem antiga e esquecida, há operações que revelam a espessura dos códigos que conformam a realidade. Quando Muntadas se diz um realista é esta a sua realidade.

Antoni Muntadas é um dos pioneiros da 'media art'[3], o que poderia fazer crer um artista essencialmente interessado no *medium* ou no aparato mediático, mas Muntadas diz-se, recusando esta 'classificação', um artista a quem interessa o real. Considera-se uma espécie de realista e descreve duas possibilidades de realismo: a dos artistas que, funcionando como mediadores da realidade, procuram o contacto directo com o referente, por exemplo, no tratamento da paisagem; e os que olham a realidade a partir de "imagens já feitas" e, trabalhando essas representações, produzem *"mediascapes"*[4]. É esta a sua janela: o ambiente mediatizado em que vivemos proporciona a Muntadas a matéria com que trabalha.

Por outro lado, o uso dos meios nas suas obras e projectos é sempre contingente: não é o uso de um *medium* (seja televisão, a web, o correio ou a imprensa) enquanto suporte artístico que motiva os seus projectos, mas, pelo contrário, são os projectos que acabam por solicitar o uso de um ou outro meio/suporte/canal. Este espaço de investigação artística e de produção estética deu origem a uma obra que trabalha os *media*, que os "amplia", os reduz, que os lê entre a trama ou as linhas, mas que

[3] Como refere Machado (op. cit.), Muntadas não recusa a tarefa de fazer *media art*, porque é neste campo que algumas respostas são possíveis, dentro das/nas próprias instituições que produzem a "cultura de massas" e não fora delas.

[4] Conferência de Antoni Muntadas "Sobre los medios: crítica y alternativa", disponível em: http://www.dailymotion.com/video/x4509s_muntadas-sobre-los-medios-cr%C3%ADtica-y_school.

não fica presa à especificidade de um *medium*, nem se abre a uma "remediação"[5] inconsequente. Há uma dialéctica entre a crítica dos *media* e o uso dos próprios meios, que se vai estabelecendo de modo casuístico, proporcionando abertura suficiente aos projectos para que estes mantenham pertinência critica e eficácia.[6] Assim, por exemplo, quando usa o correio, como meio de intervenção artística para pensar o modo como a fotografia jornalística de imprensa é interpretado em 'On Subjectivity', de 1978, Muntadas produz uma peça em que as imagens circulam em espaços de mediação que se relacionam, forçosamente, com diferentes contextos: imagens jornalísticas, históricas, publicadas na revista *Life (The Best of Life)*, são enviadas a diferentes pessoas pelo correio, por onde aparentemente nunca circulariam de forma privada, e, depois de comentadas, são reenviadas ao artista. Esses contributos são organizados num registo-livro e exibidos em diferentes contextos expositivos, reaparecendo na actualidade. O dispositivo de exposição apresenta as fotos, as cartas, os envelopes e uma outra publicação: as mesmas imagens circulam num novo espaço de visibilidade pública, num novo espaço de contacto, suscitando novos comentários. Poderíamos pensar que a peça perderia eficácia à medida em que a distância histórica vai aumentando e a relação com as fotos e com os comentários 'subjectivos' vai mudando, mas novas formas de codificação vão produzindo leituras necessariamente actualizadas dessa intervenção: hoje, quando fazemos circular muito mais rotineiramente imagens públicas por caixas de e-mail privadas, não podemos deixar de considerar a ironia e algum desencanto da peça como muito certeiros.

O trabalho artístico de Antoni Muntadas revela o "filtro" dos muitos dispositivos da nossa vida e a nossa participação no seu funcionamento. A sua arte não procura uma espécie de experiência imediata ou uma espécie de linguagem universal.[7] O seu trabalho visa produzir relações, operações, entre meios, objectos, pessoas,

[5] O conceito de Cf. BOLTER, J. and R. GRUSIN (1997). *Remediation: understanding new media*. Cambridge, Massachusetts. refere--se ao modo como o conteúdo de um *medium* é sempre outro *medium*, oscilando entre a transparência e a opacidade, a imediaticidade e a hipermediação. Vários artistas trabalham, obviamente este conceito.

[6] Quando questionado sobre o uso dos *"novos media"*, o artista respondeu: "A palavra "novas" quer dizer que amanhã já são velhas. Novas tecnologias é um espectro de novos meios que existem, mas o que fazem é se adicionarem aos demais. Para mim é importante quando tenho um projeto e decido que meio vou utilizar. Nunca começo por isso. Mas sim com as idéias e o contexto. É a proposta em si que me leva a decidir que meio vou utilizar." Fundação Ibere Camargo (2008), "Atenção: percepção requer envolvimento! Entrevista com Antoni Muntadas".

[7] "I want to dispel the notion that when art mediates, it makes us all just human. I want to challenge the idea that art does not mediate. That it speaks directly. Or, that when art speaks it does so in a universal "nonlanguage." A

afirmação de Barbara Kirshenblatt-Gimblett no seu ensaio *'Confusing Pleasures'*, MUNTADAS, O. ROFES, et al. (1999). *Muntadas : On Translation: the Audience*. Rotterdam, Witte de With, Center for Contemporary Art.é, cremos, partilhada pelo artista.

espaços, tempos. Estas possibilidades operacionais vão-se relacionando, em cada nova apresentação, com as abordagens do contexto e do tempo histórico em que se exibem.

A complexidade da leitura das intervenções de Muntadas relaciona-se com o carácter operacional das peças envolvendo diferentes pessoas, instituições, espaços, com a "falta de estilo" e a sua especificidade. A nossa análise centra-se numa intervenção da série 'On Translation' (1995 - até ao presente). A série é composta por diferentes projectos, alguns dos quais vão sendo reapresentados, em diferentes contextos, com significativas variações. Adiante discutimos a peça 'The Picture Collection', que está encaixada numa intervenção da série 'On Translation', salientando alguns aspectos que nos parecem importantes no trabalho do artista. Interessa-nos 1) o modo como as imagens preservadas, produzidas pelos meios de informação visual, são reutilizadas pelo artista; 2) perceber como essa prática se enquadra nas práticas de apropriação em arte; 3) de que modo evoluiu de uma "metalinguagem" para uma prática artística intervencionista.

1. IMAGENS PRESERVADAS

De modo desigual às imagens de arte, que possuem características que tradicionalmente se ligam a uma experiência de posse e valorização material e simbólica que as conserva, as imagens produzidas pelos *mass media* são marcadas pela sua actualidade, imediaticidade e volatilidade, por um sentido de urgência (muitas vezes manipulado) e pelo consumo. Embora ao longo do século XX estas distinções tenham sido abaladas pelas técnicas de reprodutibilidade, essa "ideologia" mais ou menos cristalizada continuou presente. As questões artísticas ligadas à apropriação, citação e uso de imagens dos *media* sublinharam a interrogação sobre o valor político e económico das imagens dos *mass media* e da arte. Diferentes artistas usaram de modo mais ou menos óbvio

imagens dos *media*, inscrevendo o consumo, a informação e o quotidiano na arte.[8]

'The Picture Collection', o trabalho que usamos aqui como objecto de análise, é uma intervenção de Muntadas na publicação 'On Translation: The Audience: The Publication'.[9] 'On Translation : The Audience' foi apresentado entre 19 de Outubro de 1998 e 7 de Novembro de 1999 em Roterdão. Em cada mês desse ano um placard móvel era colocado num espaço de passagem entre uma instituição artística ou cultural da cidade e o exterior público. O placard apresentava sempre um tríptico de imagens que articulavam uma obra, um mediador e um público. No final, os trípticos foram apresentados no Witte de With com mais um tríptico criado para esse espaço.[10]

Na 'The Picture Colection' são usadas 17 imagens, sem legendas, do arquivo da New York Public Library, interpoladas uma em cada 3 folhas. Não é uma intervenção de grande impacto estético, é pobre, imagens vulgares de revistas, com pouca qualidade, gente anónima que lê, toca piano, faz fila para uma exposição, um público com óculos 3-d, um grupo que ouve uma palestra. São reproduzidas sem qualidades especiais, a preto e branco, reenquadradas no limite da página, imagens banais. Não contam uma história, nem são uma amostra coerente do arquivo da New York Public Library.[11] Vieram da colecção da biblioteca para a "colecção" de Muntadas e, daí, para as páginas desta publicação.[12]

Porque foram estas as imagens escolhidas para a "colecção" de Muntadas? Como é que as olhamos na sua banalidade estética? Para o historiador K. Pomian,[13] as condições que um objecto de colecção tem de satisfazer são *"[..]que esse objecto seja útil ou esteja carregado de significado,* [privados] *destas condições são privados de valor; de facto, já não são objectos, mas desperdícios."*

[8] Vejam-se, por exemplo, as obras fortemente políticas de Hans Haacke.

[9] MUNTADAS (2002). *Muntadas : On Translation*: 150-155.

[10] Idem: 130 e seg.

[11] É uma colecção de milhares de fotografias. Uma selecção de cerca de 700 000 estão digitalizadas on-line em http://digitalgallery.nypl.org/nypldigital/index.cfm. Este arquivo é estudado como um caso de contaminação e dificuldade de categorização das imagens fotográficas dentro das instituições culturais pelo crítico Douglas CRIMP no ensaio "The Museum's Old / The Library's New Subject", (1993). *On the Museum's Ruins.*

[12] "The images presented along the book have been selected by Muntadas according to key words ('audiences', 'spectators', 'readers', 'listeners') from the collection of the New York Public Library." MUNTADAS, O. ROFES, et al. (1999). *Muntadas : On Translation: the Audience.*

[13] POMIAN, K. (1984) *Colecção.* Enciclopédia Einaudi.

As imagens da colecção de Muntadas servem uma função, esse é o seu valor. De resto são desperdícios. Se a semântica ajuda a classificar os grupos de imagens, a sua evidente banalidade só poderia ser funcionalizada se fosse possível activar a percepção dos leitores. Neste caso, Muntadas apela a essa percepção através de um efeito de espelho: aquelas imagens reflectem a imagem de um público empenhado em qualquer coisa. Um público que vê, lê ou ouve, que procura o calor do grupo, ou a concentração de um canto solitário, ou o abraço amoroso, como nas fotos seleccionadas, mas que não se vê a ser visto como objecto de interesse para alguém. As audiências vêem algo, mas não se vêem a si mesmas. Somos nós enquanto massas. "The Picture Colection" compõe-se de imagens fotográficas datadas, imprecisas, familiares ou quase exóticas; é através de uma operação de resgate que aquelas imagens deixam de ser desperdícios, elas fazem algo (mesmo que sejam imagens pobres, ou talvez por isso mesmo), recordam-nos a nossa condição de espectadores anónimos. Alguém "nos" fotografou de modo anónimo a ver um quadro, a ouvir uma lição: é documentação banal em imagens de todos os dias. É uma operação que permite a constatação de que somos leitores, espectadores e ouvintes, mas não estamos atentos à imagem que fazem de nós. Somos diferentes daqueles que estamos a ver? A dimensão de espectador é menos passiva do que podemos imaginar. Numa destas fotos vemos um cinema ao ar livre, um público de automóveis, no ecrã, Charleston Heston é Moisés dirigindo-se a uma audiência invisível. As audiências existem? As estatísticas dizem que sim. Cada imagem seleccionada poderia servir para contar uma estória diferente sobre o público.

As colecções de imagens fazem parte integrante dos trabalhos de Muntadas, imagens recolhidas dos espaços de difusão: revistas, jornais, livros, imagens da televisão e do cinema. Mas também imagens que sinalizam o espaço quotidiano, por exemplo, as das brochuras de segurança dos aviões em que Muntadas viaja, e que colecciona desde os anos setenta, ou as recolhas fotográficas da "sinalética" usada nos wc's. Imagens que vemos todos os dias.

2. ARTE E APROPRIAÇÃO

As imagens existem, repetem-se com variações, são analisadas e podem ser utilizadas de forma estética de modo a tornarem-se veículos para as operações de percepção. Uma arte da apropriação que faz uso da informação visual prévia é algo que encontramos de modo recorrente na arte do séc. XX. Várias questões, estéticas, económicas, culturais, legais

são colocadas por este tipo de prática artística. Por exemplo, o modo como essa prática questiona a representação/apresentação; uma coisa deixa de estar em lugar doutra, passa a estar por si própria, conduzindo a uma reavaliação das condições e intenções do fazer artístico. Ou, outro exemplo, podemos ver a imagem apropriada na sua condição de *'ready-made'*, sublinhando o facto de que as imagens dependem sempre das circunstâncias em que se encontram. É uma arte que insiste nas relações fortuitas - de desejo, inconscientes ou conscientes, de recordação, de alheamento - que mantemos com as imagens. Revemos nas obras de apropriação as multiplicações, a possibilidade de escrever com imagens, o mesmo e a diferença significativa de uma mudança de contexto, de espaço, de tempo-duração. A apropriação cria uma linguagem-imagem muitas vezes feita de clichés, não muito diferente da linguagem-palavra. O modo como são usadas, tanto como o que nos dizem, fazem com que sejam objectos estéticos. As imagens (fixas e em movimento, os sons e as palavras) do nosso colectivo produzem efeitos ao serem resgatadas dos espaços de armazenagem (de arquivo, de colecção) para os espaços temporalmente específicos da intervenção artística.

Numa intervenção didáctica em Granada,[14] em 2008, para um público de estudantes, Muntadas falou das suas afinidades com John Heartsfield, com Michelangelo Antonioni, com *The Ant Farm*. A sua aproximação a cada um destes artistas deixa pistas de leitura para a sua prática artística. Podemos procurar outras imagens de um "álbum de família" empenhado na crítica política, social, económica, institucional. Por exemplo: a colagem de Richard Hamilton, 'Just what is it that makes today's homes so different' (1956); o artigo de Dan Graham, 'Homes for América' (*Arts Magazine,* Dez.-Jan. 1966-67); a colecção de Marcel Broodthaers, 'Musée d'Art Moderne, Département des Aigles' (várias apresentações, 1968-1971); Victor Burgin, 'What does possession mean to you?' (Poster, 1000 cópias coladas nas

[14] Conferência de Antoni Muntadas "Sobre los medios: crítica y alternativa", disponível em: http://www.dailymotion.com/video/x4509s_muntadas-sobre-los-medios-cr%C3%ADtica-y_school

ruas do centro de Newcastle upon Tyne, 1976). São muitas as aproximações possíveis, mas uma é importante: nenhuma destas obras se fecha no ciclo da auto-referencialidade.

3. "A PERCEPÇÃO REQUER EMPENHO": UMA PRÁTICA ARTÍSTICA INTERVENCIONISTA

> *"Aquilo que não entra em você sensorialmente, virá pelo processo intelectual. Mas nunca há uma confrontação intelectual* a priori. *Isso pode acontecer com um texto, mas não com um espaço tridimensional, um ambiente, uma instalação ou ainda num livro com imagens".*[15]

Os trabalhos de Muntadas usam a apropriação, fragmentação e reenquadramento de texto e imagens. São trabalhos artísticos que visam a experiência estética e a transformação do que é mostrado, operando entre o que é dito e não-dito, entre visível e invisível, entre espaços.[16]

Diz Muntadas:

> *"O meu trabalho funda-se sobre fenómenos contemporâneos. Do exterior social ao interior pessoal, a informação pública é filtrada e torna-se uma informação privada. Reajo um pouco à informação tratada pelos media, como a uma reacção química... Interiorizar o que vem do exterior é um aspecto fundamental da pesquisa e da preparação do trabalho, o que representa um processo lento."* [17]

Alguns comentadores[18] do trabalho de Muntadas falam de um trabalho de desaceleração dos *media*. A sensação de desaceleração existe como um desdobramento das relações presentes nos materiais visuais, mas sente-se mais uma forma multiplicada por outras possibilidades (que não as dadas pelo funcionamento dos *media*), do que propriamente uma forma lenta. Há artistas da lentidão, não é esta a estratégia de Muntadas: há uma espécie

[15] Palestra de Muntadas ("Espaços da memória", Centro Cultural São Paulo – 15/10/05), disponível em: http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.painel/palestras/integra_muntadas

[16] Estas dualidade são salientadas, por exemplo, por Anne-Marie Duguet.

[17] Palestra de Muntadas ("Espaços da memória". Centro Cultural São Paulo – 15/10/05), disponível em: http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.painel/palestras/integra_muntadas

[18] MORGAN, R. 'Actividade de abrandamento dos *media*'. Muntadas, A. and R. Alonso (2002). *Muntadas : con-textos : una antología crítica.*

de secura, de objectividade no '*zoom-in*' para a espessura do *medium* (por exemplo, 'Between the lines', 1979) que revela outras possibilidades para experienciar os *media*, ou a cidade, ou o museu. Aquilo que torna o seu trabalho pessoal é, não um estilo,[19] mas um conjunto de assuntos, projectos, de processos de trabalho, de estratégias. Os espaços de construção de uma aparência visual são importantes na medida que permitem a prossecução dos projectos, são um meio e não um fim. Por vezes, a finalidade da obra é trabalhar a nossa implicação. Isso acontece em intervenções desafectadas, como 'The Picture Collection", ou, por exemplo, como no trabalho "Gestos", uma intervenção na revista brasileira *Galáxia:*

> *"Gestos é uma série de fotos que o artista catalão Antoni Muntadas realizou durante a guerra do Iraque. Trata-se da reciclagem de fotos veiculadas em jornais aos quais o artista teve acesso. O recorte é preciso: gestos e poses através dos quais George W. Bush, Tony Blair, Saddam Hussein, Collin Powell, Jacques Chirac, Gerhard Schroeder, S. Berlusconi e tantos outros políticos marcaram sua presença e identificaram seus posicionamentos em relação ao conflito"* [20]

Os gestos são de diferentes protagonistas políticos, o contexto é o da guerra do Iraque. É um discurso sem voz, com gestos repetidos e gestos originais: a quem pertence esse gesto que se apresenta em diferentes imagens? Outros artistas fizeram trabalhos semelhantes, por exemplo, Hans-Peter Feldman, de apropriação de imagem e recorte de gestos, a diferença em "Gestos" está na apresentação no espaço de uma revista, numa grelha que podemos comparar, numa pauta que podemos ensaiar e na especificidade do contexto histórico. De algum modo, um exercício com um objectivo semelhante ao "The Picture Colection", ou seja, vermos uma espécie de anonimato em que ecoa a nossa dimensão colectiva, pública e política.

[19] O estilo é algo que Muntadas julga mais ou menos irrelevante: "Não estou interessado no estilo; estou interessado no discurso do trabalho, e, por isso, às vezes os trabalhos podem ser visualmente muito diferentes. É algo que não me preocupa, muito pelo contrário."

[20] MUNTADAS, A. (2003). "Gestos". In *Galáxia : revista transdiciplinar de comunicação, semiótica, cultura.*

Muntadas explica o modo como desenvolve os seus trabalhos:

> *" [...] trabalhos são construções e que variam de um para o outro. Eles seguem um processo parecido, que é esse processo de tempo, em que há uma série de fases que vão se desenvolvendo. As enumero antes:*
> *- verificação de contexto,*
> *- uso do meio : a priori, nunca parto de um meio, o meio se decide durante o processo. Ou seja, eu não começo um projecto estabelecendo se vai ser uma série fotográfica, um livro, elementos arquitetônicos, pois isso se desenvolve a partir do processo, pois chega um momento em que há uma química, em que se cria um curto-circuito em que estabelece o tipo de exibição."*[21]

Por exemplo, referindo-se a um projecto pertencente à mesma série "On Translation: Trem Urbano",[22] de 2005, Muntadas explica que as "estratégias de apropriação, *handy-made*, etc., existem, mas eu creio que são coisas mais complexas do que apropriar-se." Muntadas não escolhe primeiro as imagens de Jack Delano[23], e depois o contexto dado por Porto Rico, mas o contrário. A leitura é assim bastante mais problemática, o que é específico torna-se parte do contexto geral, accionando diferentes níveis de leitura. Se o nosso primeiro contacto com as obras de Muntadas é estético, de imediato surgem as questões sobre a relação das peças com o "real".

> *"Estou de acordo que há em meu trabalho uma série de estereótipos: sociologia, o distanciamento com a questão visual, etc. Eu assumo tudo isso, porque é parte da tradução ou da interpretação. [...] Em parte, faço os trabalhos para tentar entender como funcionam as coisas. Eu acho que a arte segue sendo meio de conhecimento."* [24]

Na série 'On Translation', a tradução é o conceito que permite interrogar não só as questões formais, materiais e políticas da nossa linguagem-ambiente, do nosso meio, mas também trabalhar com diferentes elementos de texto e imagem. É a

[21] http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.painel/palestras/integra_muntadas

[22] "Trem Urbano", de 2005, instalado em uma estação de metrô em S. Juan, Porto Rico, por exemplo, durará 10 anos. Essa definição precisa de duração facilitou a negociação para instalação de uma obra tão provocativa como essa série de fotografias de Jack Delano que Muntadas transformou em enormes painéis na estação Roosevelt de S. Juan" http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.painel/palestras/rel_muntadas/view

[23] Delano (1914 –1997) foi um fotógrafo norte--americano da Farm Security Administration, estabelecido desde 1946 em Porto Rico.

[24] http://iberecamargo.org.br/content/revista_nova/entrevista_integra.asp?id=211

transformação que as linguagens (a tecnologia, os *media*) operam de uma coisa noutra que é vital no processo de comunicação artístico. O artista cria um espaço estético e crítico de relações quase óbvias, expõe a faceta banal de uma estética ligada ao quotidiano, ao social, que depende de operações de leitura concretas. É nesse espaço que Muntadas define os estados transitórios que lhe interessam. Há um momento que faz despoletar a série 'On Translation': num *workshop* em que o artista participa, alguém está a fazer uma tradução simultânea e aquilo que na língua de partida é sério, ou neutro, resulta algo divertido na língua de chegada. Este(s) espaço(s) de transitoriedade, com os seus desvios e os seus deslizes, é o espaço artístico de Muntadas. É nesse estado movente que podemos testar a nossa condição de espectadores empenhados. O empenho, como é sublinhado pelo artista, [25] é fundamental para percepcionar o que está "entre": entre os quadros, as linhas, as instituições. A questão não é apenas ver por detrás, ou o que está oculto (embora isso também possa acontecer), mas ver o que está a acontecer "entre". Muntadas coloca a questão da produção artística como fundamentalmente participativa: as operações de intermedialidade, de tradução, são a sua matéria, visam uma aproximação do espectador ao mundo através de um trabalho de atenção. •

[25] "Atenção: a percepção requer empenho" é uma intervenção textual-visual do artista, que tem sido usada em diferentes línguas e espaços geográficos.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, S. (1997) *Painting and the Comedia in the Spanish Golden Age, with Particular Reference to the Portrait in the Theatre of Lope De Vega and Other Contemporary Dramatists*. University of London.

BOLTER, J., GRUSIN, R. (1997) *Remediation: Understanding New Media.* Cambridge: Massachusetts.

CRIMP, D. (1993) *On the Museum's Ruins.* Cambridge: MIT Press.

MACHADO, A. (2002) *Muntadas entre el arte y los media. Muntadas Con/textos.* Buenes Aires: Ediciones Simurg: 111-116.

MARÍ, B. (1999) *Audiences and Translation. Muntadas. On Translation: The Audience. Octavi Rofes, Antoni Muntadas and W. d. With.* Rotterdam: Witte de With: 9-14.

MUNTADAS, A. (2003) *"Gestos". In Galáxia : revista transdiciplinar de comunicação, semiótica, cultura.* S. Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica.

MUNTADAS, A. e ALONSO, R. (2002) *Muntadas : con-textos : una antologia crítica.* Buenos Aires: Simurg. Cátedra La Ferla (UBA).

MUNTADAS, A., ROFES, O., et al. (1999) *Muntadas. On Translation: The Audience.* Rotterdam: Witte de With, Center for Contemporary Art.

POMIAN, K. (1984) "Colecção". In *Enciclopédia Einaudi.* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. V.1. Memória-História.

OUTRAS FONTES

"Entrevista com Antoni Muntadas- Atenção: percepção requer envolvimento!", Fundação Ibere Camargo (2008), disponível em http://www.iberecamargo.org.br/content/revista_nova/entrevista_integra.a sp?id=211.

"Sobre los medios: crítica y alternativa", conferência de Antoni Muntadas, registo video, disponível em: http://www.dailymotion.com/video/x4509s_muntadas-sobre-los-medios-cr%C3%ADtica-y_school

Monografia on-line sobre Muntadas, Fundación "La Caixa", disponível em: http://217.16.255.8/Obert/EP00027/swf/index_en.htm.